

A Única Superpotência em Declínio: A Ascensão de um Mundo Multipolar

Shri Dilip Hiro

COM O COLAPSO da União Soviética em 1991, os Estados Unidos se destacaram — invencíveis militarmente, sem rival econômico, incontestáveis diplomaticamente e constituindo a força dominante nos canais de informação do mundo inteiro. O próximo século seria o verdadeiro “século americano”, em que o resto do mundo se moldaria à imagem da única superpotência.

No entanto, passada menos de uma década do século XXI, já estamos testemunhando o surgimento de um mundo multipolar, em que novas potências desafiam diversos aspectos da supremacia americana: a Rússia e a China em primeiro plano, com as potências regionais Venezuela e Irã em segunda ordem. Essas potências emergentes estão prontas para minar a hegemonia americana, não para enfrentá-la juntas ou separadamente.

Como e por que o mundo evoluiu dessa maneira tão rapidamente? Sem dúvida, o fracasso do governo Bush no Iraque é um fator importante dessa transformação, um exemplo clássico de um poder imperialista, transbordante de orgulho arrogante e excedendo os próprios limites. Para alívio de muitos — nos EUA e alhures — o fiasco iraquiano demonstrou as marcantes limitações do poder da máquina militar mais destrutiva e avançada tecnologicamente do mundo. Com respeito ao Iraque, Brent Scowcroft, Conselheiro de Segurança Nacional de dois presidentes dos EUA, reconheceu, em recente artigo opinativo, que “Estamos sendo forçados ao empate por oponentes que nem constituem um estado adversário organizado”.

Este artigo é uma reimpressão do *Journal of the United Service Institution of India*, vol. CXXXVII, N° 569, julho-setembro de 2007.

Shri Dilip Hiro é escritor, jornalista e comentarista em tempo integral. Seus artigos já apareceram em várias das publicações mais importantes da Grã-Bretanha, França e América do Norte. É um renomado analista de assuntos asiáticos e islâmicos.

A invasão e subsequente ocupação desastrosa do Iraque e a campanha militar mal administrada no Afeganistão enfraqueceram a credibilidade dos Estados Unidos. Os escândalos nas prisões de Abu Ghraib no Iraque e Guantânamo em Cuba, assim como os amplamente divulgados assassinatos de civis iraquianos em Haditha, mancharam seriamente a auto-imagem moral dos Estados Unidos. Na última pesquisa de opinião, até num estado secular e membro da OTAN como a Turquia, apenas 9% dos turcos têm uma “opinião favorável” dos EUA (em comparação a 52% há apenas cinco anos).

No entanto, há outras explicações — não relacionadas às óbvias desventuras de Washington — para a transformação atual dos assuntos internacionais. Elas incluem, sobretudo, o cada vez mais acirrado mercado de petróleo e gás natural, que acentuou como nunca o poder das nações ricas em hidrocarbonetos; a rápida expansão econômica dos megapaíses China e Índia; a transformação da China na maior base manufatureira do mundo; e o fim do duopólio anglo-americano das notícias de televisão internacionais.

Muitos Canais, Percepções Diversas

Durante a Guerra do Golfo de 1991, apenas a *CNN* e a *BBC* tinham correspondentes em Bagdá. Assim, o público televisivo internacional, independentemente do local, viu o conflito por suas lentes. Doze anos mais tarde, quando o governo Bush, apoiado pelo primeiro-

Uma Rússia forte e mais autoconfiante se tornou parte integrante das mudanças positivas do mundo.

—Documento de política externa publicado pelo Kremlin, abril de 2007.

ministro britânico Tony Blair, invadiu o Iraque, a *Al Jazeera*, em árabe, desfez esse duopólio. Transmitiu imagens — e fatos — que contradiziam a apresentação do Pentágono. Pela primeira vez na história, o mundo testemunhou em tempo real duas versões de uma guerra em

curso. A versão árabe da *Al Jazeera* contava com tanta credibilidade que muitas empresas de televisão fora do mundo de língua árabe — na Europa, Ásia e América Latina — transmitiram seus clipes.

Embora, na teoria, o crescimento da televisão a cabo no mundo inteiro aumentasse a possibilidade de terminar o duopólio anglo-americano de noticiários 24 horas, pouco ocorrera devido ao custo exorbitante de coletar e editar notícias de televisão. Foi somente com a chegada da *Al Jazeera* em inglês, financiada pelo emirado do Catar, rico em hidrocarbonetos — com sua política declarada de proporcionar uma perspectiva global do ponto de vista árabe e muçulmano — que se rompeu, finalmente, com o tradicional duopólio em 2006.

Logo depois, a *France 24* entrou no ar, transmitindo em inglês e francês o ponto de vista francês, seguida em meados de 2007 pela *Press TV*, no idioma inglês, cujo objetivo era oferecer uma perspectiva iraniana. A Rússia foi a próxima na fila com noticiários 24 horas em inglês para o público mundial. Enquanto isso, instigada pelo presidente venezuelano Hugo Chavez, a *Telesur*, um canal de televisão pan-americano com sede em Caracas, passou a concorrer com a *CNN* em espanhol pelo público de massa.

Como em Catar, o financiamento de projetos de noticiários televisivos na Rússia e Venezuela advém das elevadas receitas nacionais provenientes dos hidrocarbonetos — um fator que enfraquece a hegemonia americana não apenas em termos de imagens, mas na realidade.

A Rússia, uma Superpotência Energética

Durante a presidência de Vladimir Putin, a Rússia se recuperou bem do caos econômico que se seguiu à queda da União Soviética em 1991. Depois de efetivamente renacionalizar a indústria energética por meio de sociedades de economia mista, ele passou a empregar sua influência econômica para avançar os interesses da política externa da Rússia.

Em 2005, a Rússia superou os Estados Unidos, tornando-se o segundo maior produtor de petróleo do mundo. Agora, sua renda petrolífera chega a US\$ 679 milhões por dia. Os países europeus dependentes do petróleo importado

Foto do Departamento de Defesa, Sgt. Jerry Morrison, Força Aérea dos EUA.



O presidente da Rússia, Vladimir Putin, fala com o Secretário da Defesa Robert M. Gates, durante uma reunião em Moscou, na Rússia, em 12 de outubro de 2007. O secretário visitou Moscou para discutir as relações externas com os principais oficiais russos.

da Rússia hoje incluem a Hungria, Polônia, Alemanha e até a Grã-Bretanha.

A Rússia também é o maior produtor de gás natural do mundo, sendo três quintos das suas exportações enviados aos 27 membros da União Européia (UE). A Bulgária, Estônia, Finlândia e Eslováquia recebem 100% de seu gás natural da Rússia; a Turquia, 66%; a Polônia, 58%; a Alemanha, 41%; e a França, 25%. A Gazprom, maior empresa de gás natural do mundo, detém participações em 16 países da UE. Em 2006, as reservas externas do Kremlin somavam US\$ 315 bilhões, em comparação à insignificante quantia de US\$ 12 bilhões em 1999. Não surpreende que, em julho de 2006, na véspera da reunião do G8 em São Petersburgo, Putin rejeitou a carta de energia proposta pelos líderes ocidentais.

As reservas cambiais elevadas, novos mísseis balísticos e elos mais estreitos com a próspera China — com a qual a Rússia executou exercícios militares combinados na península chinesa de Shandong em agosto de 2005 — capacitaram

Putin a lidar com seu homólogo americano, George W. Bush, como igual, falando sem rodeios ao avaliar as políticas americanas.

“Um país, os Estados Unidos, ultrapassou suas fronteiras nacionais de todas as formas”, disse Putin na 43ª Conferência Transatlântica, em Munique, sobre a política de segurança em fevereiro de 2007. “Isso é evidente nos programas econômicos, políticos, culturais e educacionais que impõe a outras nações... Isso é muito perigoso.”

Condenando o conceito de um “mundo unipolar”, acrescentou: “Não importa o quanto se enfeite essa expressão, no fim das contas, ela descreve um cenário em que há um centro de autoridade, um centro de força, um centro de tomada de decisões. É um mundo em que há um senhor, um soberano. E isso é pernicioso.” Suas opiniões tiveram boa aceitação nas capitais da maioria dos países da Ásia, África e América Latina.

A mudança de relacionamento entre Moscou e Washington foi observada por analistas e

formuladores de políticas, entre outros, na região rica em hidrocarbonetos do Golfo Pérsico. Comentando sobre a visita que Putin fez aos aliados de longa data dos EUA, Arábia Saudita e Catar, depois da conferência em Munique, Abdel Aziz Sagar, presidente do Centro de Pesquisas

Com seu produto interno bruto disparando acima do da Alemanha, a China ocupa atualmente a terceira posição na economia mundial.

do Golfo, escreveu no jornal sediado em Doha, *The Peninsula*, que a Rússia e os países árabes do Golfo, outrora rivais de campos ideológicos opostos, encontraram uma agenda comum de petróleo, antiterrorismo e venda de armas. “A alteração de foco ocorre num ambiente em que os países do Golfo indicam seu interesse em manter todas as opções geopolíticas abertas, analisando a utilidade dos Estados Unidos como o único responsável pela segurança e contemplando um mecanismo de segurança coletivo que envolva diversos atores internacionais”.

Em abril de 2007, o Kremlin publicou um importante documento de política externa, que afirmava: “O mito sobre o mundo unipolar se desintegrou de uma vez por todas no Iraque”. “Uma Rússia forte e mais autoconfiante se tornou parte integrante das mudanças positivas do mundo”.

As relações cada vez mais tensas entre o Kremlin e Washington estavam sintonizadas com a opinião popular na Rússia. Uma enquete realizada logo antes da reunião do G8 revelou que 58% dos russos consideravam os EUA um “país hostil”, o que provou ser uma tendência. Em julho deste ano, por exemplo, o General Alexandr Vladimirov disse ao jornal de grande circulação *Komsolskya Pravda* que uma guerra contra os Estados Unidos era uma “possibilidade” nos próximos 10 a 15 anos.

Chavez em Alta

Essas opiniões foram bem acolhidas por Hugo Chavez. Durante uma visita a Moscou, em junho de 2007, ele instou os russos a retomar

as idéias de Vladimir Lênin, especialmente o seu antiimperialismo. “Os americanos não querem que a Rússia continue a ascender”, ele disse. “Mas a Rússia já ascendeu mais uma vez como centro de poder e nós, o povo do mundo, precisamos que ela se fortaleça.”

Chavez finalizou um acordo de US\$ 1 bilhão para comprar cinco submarinos a diesel para defender a plataforma submarina rica em petróleo da Venezuela e frustrar qualquer possível embargo futuro imposto por Washington. A essa altura, a Venezuela se tornara o segundo maior comprador de armas russas (a Argélia encabeçava a lista, outra indicação da crescente multipolaridade nos assuntos mundiais). A Venezuela adquiriu a distinção de ser o primeiro país a receber autorização da Rússia para fabricar o famoso fuzil de assalto *AK-47*.

Ao canalizar parte das receitas petrolíferas do país para venezuelanos carentes, Chavez ampliou sua base de apoio. Para o desgosto do governo Bush, ele derrotou seu único rival político, Manuel Rosales, na eleição presidencial de dezembro de 2006, obtendo 61% dos votos. Igualmente humilhante para a administração Bush foi o fato de que, a essa altura, a Venezuela concedia mais ajuda internacional a países latino-americanos carentes que os EUA.

Depois de sua reeleição, Chavez buscou vigorosamente o conceito de formar uma aliança antiimperialista na América Latina e no mundo. Fortaleceu os elos da Venezuela não só com países como a Bolívia, Cuba, Equador, Nicarágua e a endividada Argentina, mas também com o Irã e a Belarus.

Ao chegar a Teerã, vindo de Moscou (via Minsk), em junho de 2007, os 180 acordos econômicos e políticos que seu governo assinara com Teerã já produziam resultados tangíveis. Das linhas de montagem na Venezuela, saíam carros e tratores projetados no Irã. “A cooperação de países independentes como o Irã e a Venezuela tem um papel eficaz em derrotar as políticas de imperialismo e salvar nações”, Chavez declarou em Teerã.

Atolado no lamaçal do Iraque e açoitado pelos fortes ventos da disparada de preços do petróleo, o governo Bush se vê com pouquíssimo espaço de manobra ao lidar com uma potência petrolífera em ascensão. A resposta americana

aos insultos que Chavez continua a proferir contra Bush é insossa. O motivo é a dependência incapacitante dos Estados Unidos em relação ao petróleo importado, que responde por 60% do seu consumo total. A Venezuela é a quarta maior fonte de petróleo importado pelos EUA, depois do Canadá, México e Arábia Saudita e algumas das refinarias nos EUA foram projetadas especificamente para refinar o petróleo pesado da Venezuela.

No esquema de Chavez para minar a “única superpotência”, a China tem um papel importante. Durante uma visita a Pequim em agosto de 2006, a quarta em sete anos, ele anunciou que, em três anos, a Venezuela triplicaria suas exportações petrolíferas para a China para 500.000 barris por dia, um salto que satisfaria os dois lados. Chavez quer diversificar a base de compradores da Venezuela para reduzir sua dependência das exportações aos EUA e os líderes da China estão ávidos para diversificar suas importações de hidrocarbonetos do Oriente Médio, onde a influência americana permanece forte.

“O apoio da China é muito importante [para nós] do ponto de vista político e moral”, declarou Chavez. Além de um projeto conjunto de refinarias, a China concordou em construir 13 plataformas de perfuração de petróleo, fornecer 18 navios petroleiros e colaborar com a empresa estatal Petroleos de Venezuela S.A. (PdVSA) na exploração de um novo campo petrolífero na bacia do Rio Orinoco.

A China numa Trajetória Estratosférica

O crescimento da empresa estatal Petro China foi tão espetacular que, em meados de 2007, só ficava atrás da Exxon Mobil quanto ao valor de mercado entre empresas energéticas. De fato, naquele ano, três empresas chinesas entraram para a lista das empresas mais valorizadas do mundo. Apenas os Estados Unidos tinham mais que cinco. As reservas externas de mais de US\$ 1 trilhão da China já superaram as do Japão. Com seu produto interno bruto disparando acima do da Alemanha, a China ocupa atualmente a terceira posição na economia mundial.

No campo diplomático, os líderes chineses deram um passo decisivo, em 1996, ao patrocinar a Organização de Cooperação de Xangai

(*Shanghai Cooperation Organisation — SCO*), formada por quatro países vizinhos: a Rússia e três antigas repúblicas da União Soviética, o Cazaquistão, Quirguistão e Tajiquistão. A SCO começou como uma organização cooperativa focada em se opor ao contrabando de drogas e ao terrorismo. Depois, a SCO convidou o Uzbequistão a se juntar ao grupo, embora este não faça fronteira com a China. Em 2003, a SCO ampliou o seu escopo ao incluir a cooperação econômica regional no seu estatuto, o que, por sua vez, levou-a a conceder o status de observador ao Paquistão, Índia e Mongólia — todos adjacentes à China — e ao Irã, que não o é. Quando os EUA se candidataram para o status de observador, foram rejeitados, um contratempo vergonhoso para Washington, que desfruta de tal status na Associação das Nações do Sudeste da Ásia (ASEAN).

No início de agosto de 2007, na véspera da reunião de cúpula da SCO, em Bishekek, capital do Quirguistão, o grupo executou seu primeiro exercício militar combinado, com o codinome de *Peace Mission 2007*, na região de Chelyabinsk, nos Montes Urais na Rússia. “A SCO está destinada a desempenhar um papel vital em garantir a segurança internacional”, disse Ednan Karabayev, o ministro das relações exteriores do Quirguistão.

No final de 2006, ao sediar o Fórum China-África em Pequim, que contou com a presença de líderes de 48 das 53 nações africanas, a China deixou os EUA para trás na corrida diplomática pelo continente africano (e seus hidrocarbonetos e outros recursos). Em troca de petróleo, minério de ferro, cobre e algodão da África, a China vendeu mercadorias a preços baixos aos africanos

A diplomacia petrolífera da China vem colocando o país numa rota de colisão com os EUA e com a Europa Ocidental...

—William Mellor, Bloomberg News

e ajudou os países daquele continente a construir ou melhorar estradas, ferrovias, portos, represas hidroelétricas, sistemas de telecomunicações e

escolas. “A abordagem ocidental de impor seus valores e sistema político a outros países não é aceitável para a China”, disse o especialista na África Wang Hongyi, do Instituto Chinês de Estudos Internacionais. “Temos como foco o desenvolvimento mútuo.”

Para reduzir o custo de transportar petróleo da África e do Oriente Médio, a China começou a construir um oleoduto trans-birmanês, da Baía de Bengala à província de Yunan no sul, diminuindo, assim, a distância percorrida pelos navios petroleiros. Isso minou a campanha de Washington para isolar Mianmar (antes, o Sudão, boicotado por Washington, despontara como fornecedor principal do petróleo africano à China). Além disso, as empresas petrolíferas chinesas concorriam acirradamente com seus equivalentes ocidentais pelo acesso às reservas de hidrocarbonetos no Cazaquistão e Uzbequistão.

“A diplomacia petrolífera da China vem colocando o país numa rota de colisão com os EUA e com a Europa Ocidental, que impuseram sanções contra alguns dos países onde a China faz negócios”, comentou William Mellor, da *Bloomberg News*. A opinião é ecoada pelo outro lado. “Vejo a China e os EUA entrarem em conflito com respeito à energia nos próximos anos”, disse Jin Riguang, um conselheiro de petróleo e gás do governo chinês e membro do Comitê Permanente do Conselho Consultivo Político do Povo Chinês.

A industrialização e modernização da China também estimularam a modernização de suas forças militares. O teste de lançamento do primeiro míssil anti-satélite do país, que destruiu, com sucesso, um satélite meteorológico chinês desativado, em janeiro de 2007, demonstrou, de forma impressionante, a sua crescente habilidade tecnológica. Em alerta, Washington já observara um aumento de 18% no orçamento de defesa da China em 2007. Atribuindo o aumento a gastos adicionais com mísseis, guerra eletrônica e outros itens de alta tecnologia, Liao Xilong, comandante do Departamento de Logística Geral do Exército de Libertação Popular, disse: “O mundo de hoje já não é mais pacífico e, para proteger a segurança, estabilidade e integridade nacional, precisamos aumentar adequadamente os gastos com a modernização militar”.

O orçamento declarado da China de US\$ 45 bilhões equivalia a uma fração mínima do orçamento de US\$ 459 bilhões do Pentágono. Mesmo assim, em maio de 2007, um relatório do Pentágono observou “a rápida ascensão da China como potência regional e econômica com aspirações globais”, alegando que ela planejava projetar a força militar bem além do Estreito de Taiwan para a região da Ásia-Pacífico, em preparação para possíveis conflitos por território ou recursos.

A Única Superpotência no Âmbito da História

Esse desafio variado à supremacia americana no mundo decorre tanto dos conflitos crescentes por recursos naturais, particularmente o petróleo e o gás natural, quanto de diferenças ideológicas em relação à democracia, estilo americano ou direitos humanos, conforme concebidos e promovidos pelos formuladores de políticas ocidentais. Também estão em jogo as percepções sobre a identidade nacional (e imperial) e histórica.

Vale ressaltar que os oficiais russos que aplaudem a rápida ascensão da Rússia pós-soviética se referem afetuosamente à era anterior à Revolução Bolchevique, quando, segundo eles, a Rússia czarista era uma Grande Potência. Da mesma forma, os líderes chineses continuam orgulhosos do longo passado imperial de seu país, sem par entre as nações.

Quando considerado do ponto de vista mundial e vasto âmbito da história, a noção da excepcionalidade americana, que levou os neoconservadores a proclamar o Projeto para o Novo Século Americano no final do século XX — adotado entusiasticamente pela administração Bush — não tem nada de novo. Outras superpotências já trilharam esse caminho e também elas testemunharam a perda de sua posição de primazia para potências em ascensão.

Nenhuma superpotência nos tempos modernos conseguiu manter sua supremacia por mais de algumas gerações. E, por mais excepcionais que seus líderes se considerem, os Estados Unidos, que já passaram claramente do apogeu, não têm chance alguma de se tornar a exceção a esse padrão milenar da história. **MR**